

Old Man's War: Ficção Científica como Manual de Instruções para o Pós-Humano¹

Fábio Fernandes²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

Como se define o que é um corpo normal no século XXI? Quando corredores amputados que utilizam próteses de alta performance exigem sair do status de para-atletas para serem aceitos como atletas “normais”, ao passo que, paradoxalmente, são vistos pelo senso comum como mais-que-humanos, possuidores de supostas vantagens sobre corpos sem próteses, todas as normas que regem os corpos mudam, segundo já alertava Georges Canguilhem em *O Normal e o Patológico*. Com base no pensamento de Henry Jenkins, este artigo propõe a leitura de uma narrativa de ficção científica como uma espécie de “manual de instruções”, para propor soluções para impasses provocados pelo advento de questões referentes ao pós-humano hoje e suas consequências.

Palavras-chave

Cyberpunk; ciborgue; avatar; metaverso.

1. Introdução: de perto, quem é normal?

Nascido sem as fíbulas (perônios, pela antiga nomenclatura médica), o velocista sul-africano Oscar Pistorius teve as duas pernas amputadas pouco abaixo dos joelhos aos 11 meses de idade.

Apelidado pela imprensa como "Blade Runner" e "o homem mais rápido sem pernas", Pistorius detém os recordes mundiais de 100, 200 e 400 metros para amputados duplos nas Paraolimpíadas. No lugar das pernas, Pistorius corre com membros inferiores artificiais transtibiais de fibra de carbono Cheetah Flex-Foot, fabricados pela empresa ortopédica islandesa Ossur.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor dos cursos de Jogos Digitais e Tecnologia e Mídias Digitais pela mesma instituição. É autor dos livros **Interface com o Vampiro** (Writers, 2000), **A Construção do Imaginário Cyber** (Anhembi Morumbi, 2006) e **Os Dias da Peste** (Tarja Editorial, no prelo). edita os blogs de cibercultura Pós-Estranho (<http://verbeatblogs.org/posestranho/>) e ficção científica Post-Weird Thoughts (<http://verbeatblogs.org/pwt/>). E-mail: zeroabsoluto@gmail.com.



Figura 1 - Oscar Pistorius

Como mostra a figura 1, as próteses Cheetah não se assemelham a pernas humanas, mas a tacos de hóquei no gelo. O jornalista Josh McHugh, que viu de perto as próteses, afirmou: “*Se você não tem uma perna, ter uma Ossur é como dirigir uma BMW série M*”. E explica por quê:

“As Cheetahs atuais parecem um pouco com as patas traseiras de um cavalo ou de um gato, estendendo-se diretamente para baixo a partir do encaixe, fazendo uma curva para trás e voltando para a frente num ângulo agudo. Mas, em setembro passado, Pistorius (...) foi até Reykjavik para testar protótipos projetados para amputados duplos. Os novos, que Pistorius ainda não estreou em uma grande corrida, fazem apenas uma única curva suave, um arco de pura engenharia” (MCHUGH, 2007), tradução nossa.³

³ The current Cheetahs look a little like the rear leg of a horse or cat, extending straight down from the socket, cantilevering backward, and then angling forward sharply. But last September, Pistorius and Brauckmann went to Reykjavik to test prototypes designed for double amputees. The new ones, which Pistorius hasn't debuted at a major race yet, make just one smooth curve, an arc of pure engineering. (MCHUGH, Josh. *Blade Runner*. <http://www.wired.com/wired/archive/15.03/blade.html>, acesso em 25 de outubro de 2009.)

Conforme explica seu site, a Ossur se define como uma “*empresa ortopédica não-invasiva*” e “*líder global no desenvolvimento, fabricação, distribuição, vendas e marketing de próteses.*” A missão da empresa é “*aprimorar a mobilidade das pessoas e se esforçar para dar a seus pacientes ‘uma vida sem limitações.’*” (entre aspas no original.)⁴

Essa “*vida sem limitações*” a que se refere o texto de propaganda da Ossur não é vista da mesma maneira por todos, como sugere o texto de Jeré Longman para o jornal *The New York Times* em 15 de maio de 2007, que questiona já no título da matéria: “*ele é incapacitado ou capacitado demais?*”⁵

Longman explica que Pistorius queria ser o primeiro corredor amputado a competir nas Olimpíadas de Pequim em 2008, mas que enfrentaria resistência da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF), órgão responsável por todas as modalidades de corrida, que argumenta que a tecnologia de suas próteses poderia lhe dar uma “*vantagem injusta sobre corredores que usam suas pernas naturais*”. (LONGMAN, 2007)

Entrevistado por Longman, Pistorius afirma que consultara diversos cientistas que lhe asseguraram que essa vantagem não existia. Em sua edição de 9 de março de 2008, o programa *Esporte Espetacular*, da Rede Globo de Televisão⁶, anunciava que o Comitê Olímpico Internacional havia corroborado a argumentação do IAAF e tomado uma decisão “*irrevogável*” contra a participação de Pistorius nos Jogos Olímpicos. Pistorius declarou que mesmo assim não desistiria de continuar tentando.

A questão “*próteses*” versus “*pernas naturais*”, para usarmos a expressão do IAAF, não é simples, apesar da obviedade da diferença entre ambas a olho nu. A continuação do texto de McHugh nos oferece mais dúvidas que certezas:

“Pistorius está forçando o mundo dos esportes a repensar o que significa ser um atleta dito “*incapacitado*”. Será que ele está tão próximo da excelência em nível mundial que suas limitações, suas próteses de pernas, representam uma desvantagem? Ou será que as próteses Cheetah constituem uma vantagem, um **aprimoramento artificial** que o torna mais rápido do que ele seria se tivesse pernas naturais? Afinal, as melhorias no desempenho humano são normalmente limitadas pela biologia e pela evolução. Não no caso de Pistorius. Suas pernas estão sendo constantemente **atualizadas** por uma equipe de biomecânicos islandeses em uma

⁴ “A life without limitations.” <http://www.ossur.com/pages/3642> (acesso em 16 de agosto de 2008)

⁵ LONGMAN, Jeré. *An Amputee Sprinter: Is He Disabled or Too-Abled?* The New York Times, 15 de maio de 2007. Disponível em <http://www.nytimes.com/2007/05/15/sports/othersports/15runner.html>. Acesso: 20 de outubro de 2009

⁶ <http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM800310-7824-PARAOLIMPICO+BRIGA+PARA+IR+AS+OLIMPIADAS,00.html>. Acesso: 27 de agosto de 2008.

das mais sofisticadas empresas de fabricação de próteses do mundo”. (MCHUGH, 2007), tradução nossa.⁷

As palavras *aprimoramento artificial* e *atualizadas* (grifo nosso) são as palavras-chave, que separam próteses de pernas naturais – estas últimas não podem ser “atualizadas”. McHugh conclui o texto expressando preocupação:

“Ninguém espera que corredores **de corpos capazes** (grifo nosso) entrem em competição de igual para igual com maratonistas cadeirantes. As rodas conferem uma óbvia vantagem de velocidade, e talvez as Cheetahs de Oscar Pistorius façam a mesma coisa. Então a verdadeira questão é: atletas de corpos capazes precisam ser protegidos dele?” (MCHUGH, 2007), tradução nossa.⁸

Nossa tradução literal da expressão inglesa *able-bodied* foi intencional. A tradução que se costuma usar para essa expressão seria *corpos normais*, mas isso acarretaria automaticamente a pergunta: o que é ser normal? E o que define a normalidade?

2. Pós-Humanos do Futuro: Um Manual de Instruções?

Em meu livro **A Construção do Imaginário Cyber** (FERNANDES, 2006), tomo como base a obra do escrito cyberpunk William Gibson para concluir que, sem sua intervenção no imaginário cultural pela criação da palavra e do conceito de *ciberespaço*, entre outras coisas, a cibercultura da forma como a conhecemos não existiria.

Um pensamento semelhante é defendido por Henry Jenkins em um texto recente: em *Cordwainer Smith Imagined Convergence Culture (and Viral Media) in 1964*, Jenkins analisa a obra de um autor pouco conhecido de ficção científica para explicar como alguns de seus contos parecem antecipar conceitos como os de mídia viral. Para Jenkins, “escritores de ficção científica não necessariamente inventam o futuro, mas sim ajudam a dar forma a ele”: primeiro, porque nos dariam as informações necessárias para entender a realidade presente e

⁷ Pistorius is forcing the sports world to rethink what it means to be a disabled athlete. Is he so close to world-class that his limitations, his prosthetic legs, represent a disadvantage? Or are the Cheetahs an advantage, an artificial enhancement that makes him faster than he would be if he had natural legs? After all, improvements in human performance are normally limited by biology and evolution. Not in Pistorius' case. His legs are constantly upgraded by a pit crew of Icelandic gearheads at one of the world's most sophisticated prosthetic manufacturing facilities. (MCHUGH, Josh. *Blade Runner*. <http://www.wired.com/wired/archive/15.03/blade.html>, acesso em 25 de agosto de 2008.)

⁸ No one expects able-bodied runners to compete head-to-head with wheelchair-bound marathoners. The wheels confer an obvious speed advantage, and maybe Oscar Pistorius' Cheetahs do, too. So the real question is this: Do able-bodied athletes need protection from him? (MCHUGH, Josh. *ibid.*)

antecipar conseqüências prováveis das escolhas que fazemos enquanto uma sociedade; segundo, porque, ao fornecerem uma imagem bem delineada de um futuro possível, inspirariam cientistas, políticos e tomadores de decisões a “reformatar” a realidade. A ficção científica, portanto, atuaria no campo do real como um manual de instruções.

Em termos de pós-humanidade, um dos mais recentes exemplos de uma narrativa que pode atuar como uma espécie de “manual de instruções” para leitores do século vinte e um é a trilogia **Old Man’s War**, do escritor americano John Scalzi. Composta por **Old Man’s War** (2005), **The Ghost Brigades** (2006) e **The Last Colony** (2007), essa série presta uma homenagem a **Frankenstein** colocando sua premissa principal em uma nova perspectiva.

A história começa cerca de duzentos anos no futuro, num momento em que a humanidade atingiu certo ponto de equilíbrio, sem escassez de recursos ou de alimentos (embora ainda aconteçam conflitos bélicos ocasionais). Existe, entretanto, um fator adicional: a Terra já colonizou vários sistemas estelares por meio da União Colonial e de suas Forças Coloniais de Defesa.

Um dos motivos pelos quais a Terra está mais “equilibrada” é o êxodo de habitantes do Terceiro Mundo para essas colônias. Ao Primeiro Mundo (principalmente os Estados Unidos, embora a Europa também esteja envolvida nesse esforço), por decisão da União Colonial, cabe a defesa dessas colônias.

O interessante é que os colonos podem partir quando quiserem, mas os primeiro-mundistas só podem se alistar aos setenta e cinco anos de idade. Algum método novo de rejuvenescimento? Sim, mas não na Terra. Para receber esse rejuvenescimento, o cidadão precisa sobreviver até essa idade e se alistar – com a condição de nunca mais voltar à Terra.

É o caro do protagonista, John Perry. Viúvo, com filho e netos crescidos, Perry decide que não há mais nada a fazer na Terra a não ser esperar a morte, o que ele não deseja fazer. Portanto, se alista. Ao embarcar rumo ao espaço, ele sofre um tratamento radical de rejuvenescimento, que implica na clonagem e aceleração de crescimento de um novo corpo e a transferência de sua mente para esse corpo.

Acrescentem-se ainda alguns fatores extras como, por exemplo, um tom verde na pele (clorofila no DNA, para que a pele possa se “alimentar” de energia solar e garantir mais resistência), força e resistência muito acima do normal e a permanência na idade cronológica de vinte e cinco anos por tempo ilimitado – além do *BrainPal*, um implante cerebral que aumenta a inteligência, acelera o raciocínio e conecta as pessoas umas às outras, e John Perry, bem como seus colegas recrutas, se torna um pós-humano.

Mas nem todos têm essa sorte. Na véspera do início do tratamento, seu companheiro de camarote na nave de transporte morre dormindo, de infarto agudo do miocárdio. Os enfermeiros que retiram o corpo do homem fazem um comentário que Perry entende como ofensivo:

“Um voluntário de último minuto para as Brigadas Fantasmas’, disse o outro Colonial. Olhei duro para ele. Achei que uma brincadeira naquele momento era de um mau gosto terrível”. (SCALZI, 2005, 52, tradução nossa⁹)

O comentário, entretanto, está longe de ser uma piada de mau gosto. Pois as Brigadas Fantasmas realmente existem – embora esse nome seja um apelido demeritório. As Forças Especiais (o nome verdadeiro das Brigadas) são a nata das Forças Coloniais de Defesa, apreciadas e temidas por todos. Porque são criadas a partir dos mortos.

Mas nada tão macabro quanto os procedimentos descritos em **Frankenstein** – embora o princípio não seja muito diferente. Criar vida a partir de onde ela não existe. Ou pelo menos de onde ela não existe mais: os soldados das Forças Especiais são exatamente iguais aos recrutas rejuvenescidos, com uma única (e fundamental) diferença: eles foram inteiramente criados a partir do DNA de indivíduos mortos, mesclados a genes de uma ou mais raças alienígenas.

O objetivo do segundo livro da trilogia, **The Ghost Brigades**, é justamente mostrar de perto o funcionamento dessas “Brigadas Fantasmas”. Logo no começo da história, uma conversa entre a tenente Jane Sagan, membro das Forças Especiais, e um alienígena, serve como mecanismo narrativo de explicação sobre essa questão:

“Sabemos que existem três tipos de humanos’, disse Cainen, e estendeu seus dedos, muito mais compridos e articulados que os dedos humanos, para contar as variações. ‘Existem os humanos não-modificados, que são os que colonizam planetas. Estes se apresentam em formas, tamanhos e cores variados – uma boa diversidade genética. O segundo grupo é a maior parte da sua casta militar. Estes também variam em tamanho e forma, mas em uma escala bem menor, e todos têm a mesma cor: verde. Sabemos que esses soldados não estão em seus corpos originais – a consciência deles é transferida de corpos de membros mais velhos de sua espécie para esses corpos mais fortes e saudáveis. Esses corpos possuem alterações genéticas extensas, a tal ponto que eles não podem se reproduzir, seja entre eles mesmos ou com humanos não-modificados. Mas ainda são reconhecivelmente humanos, particularmente no cérebro”. (SCALZI, 2006, pp. 23-24, tradução nossa.¹⁰)

⁹ “A last-minute volunteer for the Ghost Brigades,” the other Colonial said.

I shot a hard stare at him. I thought a joke at this moment was in terrible bad taste. (SCALZI, 2005, p. 52)

¹⁰ “We know there are three kinds of human,” Cainen said, and held up his fingers, so much longer and more articulated than human fingers, to count off the variations. “There are the unmodified humans, who are the ones who colonize planets. Those come in varying shapes and sizes and colors – good genetic diversity there. The second group is the largest part of your soldier caste. These also vary in size and shape, but to a far lesser extent,

Mas o próprio Cainen expressa reservas em relação ao terceiro grupo:

“ (...) que eles são criados a partir dos mortos”, disse Cainen. “Que o plasma de germe humano dos mortos é misturado e remisturado ao genoma de outras espécies para ver o que acontece. Que alguns deles nem sequer lembram humanos como eles se reconhecem. Que eles nascem adultos, com habilidades e capacidades, mas sem memória. E não apenas sem memória. Sem self. Sem moralidade. Sem restrições”¹¹. (SCALZI, 2006, p. 24, tradução nossa¹¹)

Transmitida a explicação (correta, aliás) ao leitor por meio desse recurso narrativo, somos preparados para o que vai acontecer em seguida: após a suposta morte de Charles Boutin, um gênio, cientista humano que passou para o lado de uma raça alienígena inimiga da Terra, as Forças Especiais coletam seu DNA e o clonam.

Além disso, eles tentam algo que nunca fora feito antes num soldado das Brigadas Fantasmas: copiam para seu cérebro a “alma” de Boutin, ou melhor, “uma representação holográfica do sistema elétrico dinâmico que incorpora a consciência” (SCALZI, 2006, p. 39) do cientista. Isso não garante que o clone desperte com as memórias de Boutin, mas as Forças Especiais esperam que isso faça com que ele se comporte e pense da mesma maneira que Boutin, o que poderá ajudá-las a capturar o traidor e descobrir seus planos contra a humanidade.

Embora a transferência dessa representação holográfica ocorra sem problemas, o clone de Boutin acorda sem consciência, nem memória de quem é seu original. Ele recebe, então, o mesmo tratamento de todos os soldados-clones das Brigadas Fantasmas. Para começar, um nome, cujo critério é sempre o mesmo: seleção aleatória a partir de um *pool* de nomes, dos quais o prenome é geralmente bíblico e o sobrenome é de algum cientista famoso. O clone de Boutin recebe o nome de Jared Dirac: Jared, segundo a Bíblia, foi pai de Enoque e avô de Matusalém (o homem de vida mais longa do mundo, que teria vivido até os novecentos e sessenta e nove anos – mas o Jared bíblico não fica muito atrás: teria alcançado os novecentos e sessenta e dois anos de idade), e o sobrenome foi dado em homenagem a Paul

and they're all in the same color: green. We know that these soldiers aren't in their original bodies – their consciousness is transferred from bodies of older members of your species to these stronger, healthier bodies. These bodies are extensively genetically altered, so much that they can't breed, either between themselves or with unmodified humans. But they're still recognizably human, particularly the brain matter.” (SCALZI, 2006, pp. 23-24)

¹¹ “That they are created from the dead”, Cainen said. “That the human germ plasm of the dead is mixed and remixed with the genetics of other species to see what will arise. That some of them don't even resemble humans, as *they* recognize themselves. That they are born as adults, with skills and ability, but no memory. And not only no memory. No *self*. No morality. No restraint. (SCALZI, 2006, p. 24)

Dirac, matemático especializado em mecânica quântica e descobridor do pósitron. Informações que não são relevantes ao clone de Boutin, mas às quais ele se afeiçoa ao longo de sua vida, porque lhe conferem identidade.

Em seu segundo dia de vida – e primeiro de treinamento nas Forças Especiais – Jared recebe de seu superior imediato uma tarefa: ler **Frankenstein**. Num paralelo atualizado do romance de Mary Shelley, o soldado recém-nascido também lê rápido, ainda mais rápido que o “monstro”. Ele baixa o livro pelo seu *BrainPal* e o lê em oito minutos. E entende por que essa tarefa lhe foi dada:

“Ele e todos os membros do Oitavo (Esquadrão) – todos os soldados das Forças Especiais – eram descendentes espirituais da patética criatura que Victor Frankenstein havia montado a partir dos corpos dos mortos e conferido vida através da eletricidade. (...) As alusões entre o monstro e as Forças Especiais eram todas óbvias demais”. (SCALZI, 2006, pp.93-94, tradução nossa¹²)

Assim, num evidente jogo de espelhos com o próprio livro de Mary Shelley, Jared lê para melhor compreender quem é – e a velocidade com que tudo isso ocorre é também um espelho (embora invertido) da *langue dureé* (comparativamente) do aprendizado do monstro de Frankenstein com os livros que encontra na choupana do velho cego De Lacey, livros que formaram sua *Weltanschauung* gótica e romântica.

Ainda usando a simbologia do espelho, Jared, por si só uma espécie de novo Frankenstein (e representante de uma nova espécie de clones de mortos, talvez um *quarto* tipo de humano), não se contenta com a leitura do livro de Mary Shelley, buscando todas as versões filmadas e também todos os livros e filmes que tivessem como protagonistas robôs, andróides, replicantes – e, curioso, ele pesquisa os antepassados literários de Frankenstein e toma conhecimento do mito do Golem, e também de histórias sobre homúnculos e autômatos mecânicos.

Movido por esse novo conhecimento de si por meio da tradição da ficção científica, Jared repudia a visão trágica do “monstro” de Frankenstein em favor de uma outra *Weltanschauung*, mais técnica e pragmática – ou programática, uma vez que eles já nascem com diversas funções programadas (e seus *BrainPals* os ajudam, fazendo o “download” de conceitos e experiências para que eles aprendam a caminhar pelo mundo) – e a lutar galáxia afora.

¹² He and all the members of the 8th – all of the Special Forces soldiers – were the spiritual descendants of the pathetic creature Victor Frankenstein had assembled from the bodies of the dead and then jolted into life. (...) The allusions between the monster and the Special Forces were all to obvious. (SCALZI, 2006, pp.93-94)

3. Corpos pós-capazes?

Em depoimento concedido para este autor, John Scalzi declarou que não teve a intenção de fazer uma crítica ao preconceito, mas apenas de reforçar algo que já estava no texto original de Mary Shelley:

“(a leitura de Frankenstein) teve a intenção de fornecer a Jared o contexto sobre como as pessoas iguais a ele têm sido percebidas desde o começo, mesmo quando as pessoas como ele ainda eram ficcionais... e de sugerir que, como a autora foi capaz de sentir pena do monstro de Frankenstein, que na verdade nem todos os humanos o veriam como monstro ou aberração” (tradução nossa).¹³

A criação dessas “Brigadas Fantasmas” é o equivalente *science-fictional* ao esquema analisado por Michel Foucault em *O Nascimento do Hospital*. Nesse texto, Foucault investiga o aparecimento do hospital como instrumento terapêutico, fato que só passa a acontecer a partir do século XVIII. A hipótese da qual Foucault parte é de que essa transformação aconteceu não para buscar uma ação positiva do hospital sobre o doente ou a doença, mas a anulação dos efeitos negativos do hospital, e que isso começa pelos hospitais marítimos e militares, pois:

“(...) as regulamentações econômicas tornaram-se mais rigorosas no mercantilismo, como também porque o preço dos homens tornou-se cada vez mais elevado. É nesta época que a formação do indivíduo, sua capacidade, suas aptidões passam a ter um preço para a sociedade”. (FOUCAULT, 1988, p. 104)

Foucault cita o exemplo do exército, que, com a invenção do fuzil no final do século XVII, se torna mais técnico e custoso:

“Para se aprender a manejar um fuzil será preciso exercício, manobra, adestramento. É assim que o preço de um soldado ultrapassará o preço de uma simples mão-de-obra e o custo do exército tornar-se-á um importante capítulo orçamentário de todos os países. **Quando se formou um soldado não se pode deixá-lo morrer. Se ele morrer deve ser em plena forma, como soldado, na batalha, e não de doença**”. (FOUCAULT, 1988, p. 104, grifo nosso.)

No universo criado por Scalzi, o preço de um soldado é tão alto que ele se torna valioso demais para ser desperdiçado, mesmo depois de morto; logo, seu DNA é “reciclado” e ele volta à vida no corpo de outro(s), melhor e mais apto – os *able-bodied*. Que, ao contrário do monstro de Frankenstein, não só são aceitos pelos seus criadores (ainda que temidos, em

¹³ FERNANDES, 2008, p. 197.

função de sua pretensa “inumanidade”) como são treinados, incentivados e recompensados com a possibilidade de dar baixa e viver numa colônia se sobreviverem ao período de alistamento obrigatório de dez anos.

O terceiro volume da trilogia, **The Last Colony**, apresenta o exemplo mais radical dessa virada de pensamento pós-humanista ao apresentar um exemplo aberto do que o alienígena Cainen diz a Jane Sagan: um ser humano que *nem sequer lembra humanos como nós os reconhecemos*. Visto apenas de passagem em **The Ghost Brigades**, o Tenente Stross (brincadeira/homenagem de Scalzi com seu amigo, o também escritor Charles Stross) faz uma participação fundamental no último livro.

Stross pertence a uma categoria de humanos modificados geneticamente para viverem no vácuo do espaço. São os Gameranos (o nome também é uma referência, mas à cultura japonesa: Gamera é um monstro de filmes classe B):

“Gameranos eram humanos – ou, pelo menos, o DNA deles se originava de material humano e tinha outras coisas no meio – radicalmente esculpidos e projetados para viver e prosperar no espaço sem ar. Para essa finalidade, eles tinham corpos com carapaças para protegê-los do vácuo e dos raios cósmicos, algas simbióticas geneticamente alteradas para lhes fornecer oxigênio, faixas fotossintéticas para coletar energia solar e mãos nas extremidades de todos os seus membros”. (SCALZI, 2007, p. 81, tradução nossa)¹⁴

Segundo Georges Canguilhem em **O Normal e o Patológico**, cada indivíduo determina suas próprias normas ao escolher seus modelos de exercício. Se “*a norma do corredor de fundo não é a mesma do sprinter*”, se “*cada um de nós muda suas próprias normas, em função da idade e de suas normas anteriores*” (CANGUILHEM, 2006, p. 245), logo a norma do pós-humano não pode ser a mesma do humano, em função de suas alterações, sejam cosméticas ou genéticas.

4. Considerações Finais?

Os eventos subseqüentes na vida de Oscar Pistorius fornecem a resposta para a pergunta de McHugh feita no começo deste artigo. Depois de muito insistir, Pistorius conseguiu que o COI voltasse atrás em sua decisão “irrevogável” e permitisse sua

¹⁴ Gameranans were humans – or at least, their DNA originated from human stock and had other things added in – radically sculpted and designed to live and thrive in airless space. To that end they had shelled bodies to protect them from vacuum and cosmic rays, symbiotic genetically altered algae stored in a special organ to provide them with oxygen, photosynthetic stripes to harness solar energy and hands at the ends of all their limbs. (SCALZI, 2007, p. 81.)

participação nas provas de classificação para as Olimpíadas de Pequim. Entretanto, em 18 de julho de 2008, o jornal inglês *The Guardian* noticia: Pistorius não conseguiu se classificar.

Seu tempo de 46,25 segundos na prova de revezamento dos 400 metros fica abaixo do limite olímpico mínimo de 45,55 segundos. Pistorius fica decepcionado, mas o resultado não era inesperado: ele havia passado a maior parte do ano de 2007 lutando na justiça pelo direito de competir em Pequim e não treinou o suficiente nesse ínterim.

O resultado parece comprovar o que o próprio Pistorius havia dito anteriormente: segundo os cientistas que consultara, não existia vantagem no uso de próteses em lugar de pernas naturais. Corpos com próteses, a julgar pela experiência do velocista sul-africano, não são necessariamente melhores do que os *corpos capazes* mencionados pelo jornalista.

Em **O Normal e o Patológico**, Georges Canguilhem faz a seguinte observação:

“Definir a anormalidade a partir da inadaptação social é aceitar mais ou menos a idéia de que o indivíduo deve aderir à maneira de ser de determinada sociedade, e, portanto, adaptar-se a ela como a uma realidade que seria, ao mesmo tempo, um bem”. (CANGUILHEM, 2006, p. 244)

Canguilhem discorda dessa linha de raciocínio, lembrando que ela pertence ao século XIX, que via entre homem e meio ambiente uma relação de antinomia, “*de desafio entre uma forma orgânica e um meio ambiente que lhe é adverso*”. (CANGUILHEM, 2006, p. 244) Ao contrário dessa abordagem por ele classificada de mecanicista, Canguilhem defende que, se considerarmos a relação organismo-meio como consequência de uma atividade verdadeiramente biológica,

“como a procura de uma situação na qual o ser vivo, em vez de sofrer influências, recolhe as influências e as qualidades que correspondem às suas exigências, então os meios nos quais os seres vivos estão colocados estão delimitados por eles. Nesse sentido, o organismo não está jogado em um meio ao qual ele tem de se dobrar, mas, ao contrário, ele estrutura seu meio ao mesmo tempo que desenvolve suas capacidades de organismo”. (CANGUILHEM, 2006, p. 245)

Canguilhem conclui seu raciocínio explicando que as normas de um velho seriam consideradas como deficiências do mesmo homem quando mais jovem. Nessas reflexões, escritas entre 1963 e 1966, ele lembra que, no ensaio original de 1943, chamou de *normatividade* a capacidade biológica de questionar as normas usuais por ocasião de situações críticas, e propôs medir a saúde pela gravidade das crises orgânicas superadas pela instauração de uma nova ordem fisiológica (CANGUILHEM, 2006).

O usuário mais famoso das próteses da Ossur buscou justamente isso em sua luta para sair das Paraolimpíadas e começar a participar das Olimpíadas para atletas de *corpos capazes*: Oscar Pistorius queria mudar suas próprias normas de amputado considerado “incapaz” para correr em condições iguais aos dos atletas ditos “normais”.

O pós-humano, portanto, questiona constantemente os limites de uma suposta normatividade. Do ponto de vista do “normal”, o pós-humano é sempre situação crítica. O pós-humano é sempre patológico. Ser pós-humano é viver em constante estado de mudança.

Referências bibliográficas

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FERNANDES, Fábio. **A Construção do Imaginário Cyber – William Gibson, Criador da Cibercultura**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.

_____. **A Construção do Imaginário Ciborgue**. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado.) Rio: Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio: Edições Graal, 2005.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Tradução de Fábio Fernandes. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

GOSVAMI, Krsnadasa Kaviraja. **Sri Caitanya-Caritamrta**. Bhaktivedanta Book Trust, 1973.

JENKINS, Henry. *Cordwainer Smith Imagined Convergence Culture (and Viral Media) in 1964*. Disponível em http://henryjenkins.org/2009/10/cordwainer_smith_imagined_conv.html. Acesso: 26 de outubro de 2009.

LONGMAN, Jeré. *An Amputee Sprinter: Is He Disabled or Too-Abled?* *The New York Times*, 15 de maio de 2007. Disponível em <http://www.nytimes.com/2007/05/15/sports/othersports/15runner.html>. Acesso: 20 de outubro de 2009.

MCHUGH, Josh. *Blade Runner*. *Wired Magazine*, março de 2007. Disponível em <http://www.wired.com/wired/archive/15.03/blade.html>. Acesso: 25 de agosto de 2008.

SCALZI, John. **Old Man’s War**. Nova York, Tor Books, 2005.

_____. **The Ghost Brigades**. Nova York, Tor Books, 2006.

_____. **The Last Colony**. Nova York, Tor Books, 2007.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Rio: Ediouro, 2001.

Websites:

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. Disponível em <http://www.iaaf.org/>. Acesso: 27 de agosto de 2008.

OSSUR. Disponível em <http://www.ossur.com>. Acesso: 16 de agosto de 2008.

WIRED MAGAZINE. Disponível em <http://www.wired.com/>. Acesso: 26 de março de 2008.

PARAOLÍMPICO BRIGA PARA IR ÀS OLIMPIADAS.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM800310-7824->

[PARAOLIMPICO+BRIGA+PARA+IR+AS+OLIMPIADAS,00.html](http://video.globo.com/Videos/Player/Esportes/0,,GIM800310-7824-PARAOLIMPICO+BRIGA+PARA+IR+AS+OLIMPIADAS,00.html). Globo Vídeos; 9 de março de 2008. 1 vídeo (7 min), som, color.

Entrevista:

SCALZI, John. Concedida por e-mail ao autor no dia 21 de agosto de 2008.